

Marcos Bagno é mestre em Lingüística, poeta, tradutor e contista premiado. Tem diversos livros dedicados ao público infantil e juvenil, alguns dos quais considerados "Altamente Recomendáveis" pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Prepara atualmente uma tese de Doutorado em Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo.

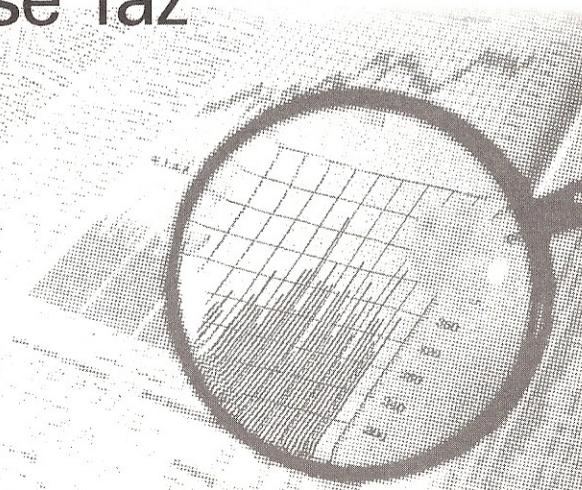
Obras do Autor:

- A invenção das horas (contos)*, Ed. Scipione, 1988 (IV Prêmio Bial Nestlé de Literatura Brasileira)
- O papel roxo da maçã* (infantil), Ed. Lê, 1989 (Prêmio "João de Barro" de Literatura Infantil)
- Um céu azul para Clementina* (infantil), Ed. Lê, 1991
- Frevo, amor & graviola* (juvenil), Ed. Atual, 1991
- Amor, amora* (juvenil), Ed. Bagaço, 1992
- Minimenino e a saudade do planeta que encolheu* (infantil), Ed. Bagaço, 1993
- Os nomes do amor* (juvenil) (co-autoria com Stela Maris Rezende), Editora Moderna, 1993
- A vingança da cobra* (juvenil), Ed. Ática, 1995
- Dia de branco* (juvenil), Ed. Lê, 1995
- Miguel, o cravo & a rosa* (infantil), Ed. Lê, 1995
- Rua da Soledade* (contos), Ed. Lê, 1995 (Prêmio Estado do Paraná 1989)
- A barca de Zoé* (infantil), Ed. Formato, 1995
- Mirabilia* (contos), Editora Didática Paulista, 1996
- Uma vitória diferente* (juvenil) Ed. Lê, 1997
- Unhas de ferro* (juvenil), Ed. Lê, 1997
- Bafafã em Mangabela!* (infantil), Ed. Formato, 1997
- A Língua de Eulália* (novela sociolingüística), Ed. Contexto, 1997
- Machado de Assis para principiantes*, Ed. Ática, 1998

MARCOS BAGNO

PESQUISA NA ESCOLA

o que é
como se faz



Revisão:

Sandra Garcia
Sonia Alexandre

Diagramação:

Paula R. R. Cassan

Edições Loyola

Rua 1822 n° 347 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

Caixa Postal 42.335

04299-970 São Paulo, SP

Fone (0**11) 6914-1922

Fax (0**11) 6163-4275

Home page e vendas: www.loyola.com.br

e-mail: loyola@ibm.net

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 85-15-01841-1

5ª edição: agosto de 2000

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1998

Sumário

Primeiras palavras 7

Primeira parte **O FIO DE ARIADNE**

1. Cansei de me indignar! 13
2. O que é pesquisa para você, professor? 16
3. Primeiro passo: o projeto 21
4. Discutindo o projeto 26
5. A coleta de dados 42
6. O produto final 49
7. Outras idéias sobre pesquisa na escola 55

Primeiras palavras

ESTE livro se divide em duas partes. A primeira, mais longa, trata da pesquisa na escola em geral, e quer dar algumas sugestões para transformar a atividade de pesquisa numa verdadeira fonte de aquisição de conhecimento. A segunda é uma tentativa de introduzir a atividade de pesquisa também naquela disciplina que, ao lado da matemática, é considerada a mais importante: língua portuguesa. As idéias expostas ali são bastante diferentes do que tradicionalmente se lê e se ouve a respeito das questões gramaticais. Algumas pessoas podem até se assustar com elas, mas este é um dos meus objetivos: sacudir a poeira acumulada durante séculos sobre o ensino da língua para ver o que realmente existe ali embaixo!

Tenho de agradecer a algumas pessoas sem as quais este livro não teria surgido. Primeiramente, é claro, a Júlia Francisca, que trouxe para casa a situação caótica que é o não-ensino da pesquisa na escola. A Maria Sonia, que compartilha comigo as angústias de quem tem de fazer em casa muito do

que os professores deixaram de fazer em sala de aula, além de me ajudar sempre a melhorar tudo o que escrevo com suas críticas precisas, comentários e sugestões pertinentes. E a Marcos Marcionilo, das Edições Loyola, que aceitou a idéia de publicar este manualzinho. Todas as idéias aqui contidas, no entanto, são de minha inteira (ir)responsabilidade!

MARCOS BAGNO
marbag@hotmail.com

“**R**ELEMBREMOS primeiro que as habilidades de raciocínio, de observação, de formulação e testagem de hipóteses — em uma palavra, de independência de pensamento — são um pré-requisito à formação de indivíduos capazes de aprender por si mesmos, criticar o que aprendem e criar conhecimento novo [...] e é neste setor que nosso sistema educacional se tem mostrado particularmente falho: se há algo que nossos alunos em geral não desenvolvem durante sua vida escolar é exatamente a independência de pensamento. O estudante brasileiro (e, muitas vezes, também o professor) é tipicamente dependente, submisso à autoridade acadêmica, convencido de que a verdade se encontra, pronta e acabada, nos livros e na cabeça das sumidades. Daí, em parte, a perniciosa idéia de que educação é antes de tudo transmissão de conhecimento — quando deveria ser em primeiro lugar procura de conhecimento e desenvolvimento de habilidades”.

MÁRIO PERINI, *Gramática descritiva do Português*,
São Paulo, Ática, 1996, p. 31.

Primeira parte

O FIO DE ARIADNE

A pesquisa na escola em geral

1. CANSEI DE ME INDIGNAR!

O que me deu a idéia de escrever este livrinho foi uma mistura de cansaço e indignação. Sim, cansei-me de ver Júlia, minha filha mais velha, ficar em pânico ao chegar em casa dizendo que tem um “trabalho de pesquisa” para fazer. Geralmente, é um trabalho em grupo, e quando ela e os colegas se reúnem para fazê-lo, fico indignado com a atitude de um professor que não sente a menor piedade dos alunos e os submete a um estresse emocional injusto e desnecessário. Acabo me vendo obrigado, junto com minha mulher, a preencher o vazio que deveria ser ocupado pelo profissional a quem confiamos a tarefa de ensinar nossos filhos.

Quando pergunto a Júlia e aos colegas qual foi realmente o “comando” da professora, eles me mostram o caderno onde está anotado, laconicamente: “Trabalho de Pesquisa. Tema: X. Entregar até dia X”. E nada mais. É ou não é para a gente se indignar?

Para sorte de Júlia, o pai dela é um apaixonado pelo estudo, alguém com verdadeira mania de pesquisar e que se sente muito à vontade fazendo o papel de orientador da pesquisa (tarefa que caberia, na verdade, ao professor). Ela conta também com uma mãe inteligente e muito hábil na hora de desenrolar o emaranhado psicológico criado pela

encomenda da escola. Mas nem todos os pais são assim, e nem têm que ser. Quem põe seu filho na escola espera que ela cumpra com seu papel mais importante que — ao contrário do que muita gente pensa, professores inclusive — não é apenas “transmitir conteúdos”, mas sim *ensinar a aprender*.

Ensinar a aprender é criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão à sua disposição na sociedade. A vida de hoje é caracterizada por um verdadeiro bombardeio de informações. Para todo lado que olhamos, nos deparamos com alguma dessas “bombas” pronta para explodir: televisão, rádio, cinema, jornais, revistas, cartazes, livros, folhetos, Internet, CD-ROM... Essas “bombas” podem estar também armazenadas em “arsenais” específicos: livrarias, bibliotecas, museus, salas de espetáculo, centros culturais, circos, escolas, monumentos históricos, prédios públicos, fábricas, empresas, laboratórios, jardins zoológicos, supermercados, *shopping centers*, jardins botânicos, estações de metrô, galerias de arte...

Tudo isso junto cria um verdadeiro labirinto onde é muito fácil alguém se perder, a menos que tenha um bom fio de Ariadne* para se orientar. E esta é mesmo a palavra-chave: *orientação*. Se o professor abrir mão de seu papel fundamental de *orientador* da aprendizagem de seus alunos, estará se responsabilizando pelo que vier a acontecer com eles ao tentarem atravessar esse labirinto, que na verdade é um grande campo minado. Afinal, não falei em “bombas” só porque gosto de metáforas exageradas. Muito, mas muito mesmo do

* Na mitologia grega, Ariadne é a bela princesa que ajuda o herói Teseu a se guiar pelo labirinto, onde ele entra para matar o Minotauro, monstro devorador de gente. Para isso, Ariadne amarra a ponta de um novelo na entrada do labirinto e vai desenrolando-o à medida que ela e o herói penetram na emaranhada construção. Morto o Minotauro, ambos conseguem sair do labirinto enrolando o fio de volta.

que anda solto por aí disfarçado de “informação” não passa, na verdade, de “bombas” de inutilidades, modismos, pseudo-ciências, superstições e futilidades. (Faça você mesmo o teste: pegue a grade de programação diária de alguma emissora de televisão das mais assistidas e tente filtrar o que é “bomba” e o que tem algum valor formativo ou informativo...)

Ensinar a aprender, então, é não apenas mostrar os caminhos, mas também *orientar* o aluno para que desenvolva um olhar crítico que lhe permita desviar-se das “bombas” e reconhecer, em meio ao labirinto, as trilhas que conduzem às verdadeiras fontes de informação e conhecimento.

Infelizmente, a grande maioria dos nossos professores de 1º grau não estão muito preparados para assumir essa tarefa de orientadores. Os cursos de formação de professores, em geral, deixam de lado esse componente importantíssimo e se concentram nas metodologias que facilitem a tal “transmissão de conteúdos”.

Nem mesmo os cursos superiores garantem uma boa visão desses problemas. Existem, nas universidades, disciplinas chamadas “Metodologia do Trabalho Científico” ou coisa semelhante, que muitas vezes são oferecidas apenas “para constar no currículo”, ministradas em grandes auditórios com centenas de estudantes que — exatamente como os nossos alunos de 1º grau — acabam fazendo algum “trabalho de pesquisa” sem orientação, bom apenas para “garantir nota” e “passar”. Isso quando não encomendam os trabalhos a terceiros, pagando para se livrar da obrigação. Eu mesmo muitas vezes, em meus tempos de graduação, fui procurado por gente disposta a me propor coisas assim: “Você faz o trabalho, põe os nossos nomes e a gente te paga”. Como sempre fui muito CDE, recusava, ofendido, aquelas ofertas e não pensava coisas boas daqueles colegas.

Hoje, refletindo melhor, eu me pergunto: será que a culpa era só deles? Afinal, existem muitas coisas que, quando não são aprendidas bem cedo, deixam sempre “buracos” na formação de um indivíduo. Boas maneiras, por exemplo. Tolerância, compaixão, espírito crítico, independência de opinião, amor ao próximo... E o mesmo acontece com o hábito de pesquisar. Quem não aprendeu a pesquisar decentemente no 1º ou no 2º grau vai penar muito quando chegar à universidade ou à vida profissional e se vir obrigado a empreender uma pesquisa! *Quod in iuventute non discitur, in matura aetate nescitur* — “o que não se aprende na juventude na idade madura se ignora”, já dizia o sábio latino Cassiodoro, no século V.

Porque, como veremos daqui a pouco, a pesquisa é uma atividade que, embora não pareça, está presente em diversos momentos do cotidiano, além de ser requisito fundamental num sem-número de profissões. Ler a bula de um remédio antes de tomá-lo é pesquisar. Recorrer ao manual de instruções do aparelho de videocassete também. Remexer papéis velhos atrás daquela preciosa receita de bolo da madrinha Miriam é fazer pesquisa. E a eterna dificuldade de consultar um dicionário ou um catálogo telefônico é ou não é uma tarefa de pesquisa?

Por isso, cansado de me indignar, resolvi costurar alguns retalhos de idéias que venho juntando num balaio e tentar, com elas, ajudar aqueles que sentem falta de um pequeno “manual de instruções” para empreender uma pesquisa ou — e este é meu principal objetivo — para ensinar a pesquisar.

2. O QUE É PESQUISA PARA VOCÊ, PROFESSOR?

Se você é daquele tipo de professor que acha que a pesquisa é uma boa maneira de se livrar da responsabilidade

(e da trabalhadeira) de encontrar métodos criativos e interessantes para avaliar seus alunos, ou apenas como um substituto para as provas que dão mais trabalho para corrigir, eu convido você a fechar este livro exatamente aqui.

Não fechou? Ótimo. Então podemos prosseguir. Antes de você responder à pergunta feita ali em cima, vamos passar em revista o conceito mesmo de *pesquisa*, começando pela própria palavra.

2.1. A palavra pesquisa

Pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia em latim o verbo *perquiro*, que significava “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca”. O particípio passado desse verbo latino era *perquisitum*. Por alguma lei da fonética histórica, o primeiro *R* se transformou em *S* na passagem do latim para o espanhol, dando o verbo *pesquisar* que conhecemos hoje. Perceba que os significados desse verbo em latim insistem na idéia de uma busca feita com *cuidado* e *profundidade*. Nada a ver, portanto, com trabalhos superficiais, feitos só para “dar nota”.

2.2. Pesquisa no dia-a-dia

A pesquisa, como já andei insinuando, faz parte do nosso cotidiano.

Quando você, pensando em alugar uma casa, abre a página de classificados do jornal e sai marcando os anúncios que lhe interessam — está fazendo uma pesquisa.

Quando quer comprar um televisor e sai pelo comércio anotando tamanho, modelo, marca e preço, para depois comparar e se decidir — está fazendo pesquisa.

Quando você quer dar um presente de aniversário a um amigo e telefona para a mulher dele perguntando o que poderia agradá-lo — está fazendo pesquisa.

É mesmo difícil imaginar qualquer ação humana que não seja precedida por algum tipo de investigação. A simples consulta ao relógio para ver que horas são, ou a espiada para fora da janela para observar o tempo que está fazendo, ou a batidinha na porta do banheiro para saber se tem gente dentro... Todos esses gestos são rudimentos de pesquisa.

2.3. A pesquisa a sério

Mas é claro que não é dessa pesquisa rudimentar que vamos nos ocupar aqui. A pesquisa que nos interessa é a pesquisa científica, isto é:

☞ a investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso.

Parece sério, não é? E é mesmo. A pesquisa é, simplesmente, o *fundamento de toda e qualquer ciência* digna deste nome. Quando alguém vier lhe falar de alguma “ciência”, portanto, fique logo atento e procure saber quais foram os últimos avanços conseguidos por essa ciência. Se não houve avanços é porque não houve pesquisa — e se não houve pesquisa é porque não é ciência.

Compare, por exemplo, um livro de astronomia do final do século passado com um livro de astronomia dos dias de hoje. Muita coisa terá mudado: novos conceitos, novas descobertas, novas explicações para fenômenos antes misteriosos... Faça o mesmo com um livro de astrologia. Nada

mudou de lá para cá! São as mesmas interpretações para os mesmos signos, as mesmas fórmulas fixas para “explicar” as “influências” dos astros. Aliás, quanto mais “antiga” e “tradicional” for a “explicação”, melhor. Qual das duas então é uma ciência?

2.4. Importância da pesquisa

Sem pesquisa não há ciência, muito menos tecnologia. Todas as grandes empresas do mundo de hoje possuem departamentos chamados “Pesquisa e Desenvolvimento” (P&D).

Os departamentos de P&D estão sempre tentando dar um passo à frente para a obtenção de novos produtos que respondam melhor às exigências cada vez maiores dos consumidores ou, simplesmente, que permitam vencer a concorrência das outras empresas.

As indústrias farmacêuticas vivem à procura de novos medicamentos mais eficazes contra doenças velhas e novas (e rezamos para que consigam!). As montadoras de automóveis querem produzir carros mais econômicos, menos poluentes, mais seguros. A informática não pára de nos assustar com seus computadores cada dia mais rápidos, com maior capacidade de memória, com programas mais eficientes.

Uma porcentagem significativa dos lucros dessas empresas é destinada à P&D. Nesses departamentos existem laboratórios ultramodernos, pistas de testes (quando é o caso), campos de aplicação experimental, oficinas para montagem de protótipos etc. Neles trabalham técnicos e cientistas altamente preparados.

Se não houvesse pesquisa, todas as grandes invenções e descobertas científicas não teriam acontecido. A velha história da maçã caindo na cabeça de Newton e fazendo-o “desco-

brir” a lei da gravidade não passa de conversa para boi dormir. Se a queda da maçã fez Newton pensar na gravidade, é porque ele já vinha ruminando, refletindo, *pesquisando* acerca do fenômeno.

Nas universidades, também, a pesquisa é muito importante. O professor universitário que se limita a dar suas aulas sem estar engajado em algum projeto de pesquisa não é visto com bons olhos pelos seus colegas. Afinal, a universidade não pode ser apenas um “depósito” do conhecimento acumulado ao longo dos séculos. Ela tem de ser também uma “fábrica” de conhecimento novo. E esse conhecimento novo só se consegue... pesquisando.

Para uma pessoa obter o título de *doutor* numa universidade, ela tem de fazer uma grande pesquisa na sua área de conhecimento e submetê-la a uma banca de examinadores — é o que se chama *defender uma tese*. E essa pesquisa tem de ser *inédita*, isto é, precisa trazer alguma contribuição *nova* àquele campo de estudos. Como você pode perceber, essa história de chamar de “doutor” todo médico, advogado e delegado de polícia é apenas uma tradição da linguagem popular. O médico que se forma e passa o resto de sua vida profissional em seu consultório apenas examinando seus pacientes e prescrevendo receitas é bem menos “doutor” do que alguém que defendeu uma tese, por exemplo, sobre as personagens femininas nos romances de Machado de Assis!

A importância da pesquisa é reconhecida também pelos órgãos governamentais. No Brasil, por exemplo, em nível nacional, existem entidades como a CAPES e o CNPq que financiam projetos de pesquisa. Em São Paulo temos a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo). Outros Estados têm instituições semelhantes. Existem também fundações privadas que apóiam pesquisadores, dando-lhes condições de levar adiante seus projetos.

Em resumo, podemos dizer que a pesquisa está presente:

- no dia-a-dia, nas ações mais corriqueiras;
- no desenvolvimento da ciência;
- no avanço tecnológico;
- no progresso intelectual de um indivíduo.

Como é fácil perceber, a pesquisa é, mesmo, uma coisa muito séria. Não podemos tratá-la com indiferença, menosprezo ou pouco caso na escola. Se quisermos que nossos alunos tenham algum sucesso na sua atividade futura — seja ela do tipo que for: científica, artística, comercial, industrial, técnica, religiosa, intelectual... —, é *fundamental e indispensável* que aprendam a pesquisar. E só aprenderão a pesquisar se os professores souberem ensinar.

3. PRIMEIRO PASSO: O PROJETO

Quando eu era criança, aconteceu algumas vezes: em dia de prova, na escola, havia questões sobre assuntos que o professor simplesmente não tinha abordado ou, como se dizia na linguagem escolar, *pontos* que ele não tinha *dado*. Como o programa de ensino era extenso demais para ser coberto no prazo previsto, muita coisa acabava sendo deixada para trás.

Era época de ditadura, de autoritarismo e repressão. O medo dava as cartas em todas as áreas da sociedade — e a escola não tinha como escapar. O órgão responsável pela educação cobrava da escola, a escola cobrava do professor e este era obrigado a cobrar dos alunos... que não iam protestar. *Direitos humanos, cidadania e liberdade de expressão* eram palavras proibidas na época.

Infelizmente, esse tipo de injustiça, embora atenuada, ainda vigora no modo de ensinar de muitos professores.

Chegar em sala de aula, escrever na lousa: “Trabalho de pesquisa. Tema: X. Entregar até dia X” e depois querer receber trabalhos bem-feitos é uma atitude pedagógica completamente autoritária.

Para começo de conversa, antes de pedir à classe que faça uma pesquisa, o professor tem que estar plenamente consciente da seriedade que envolve este tipo de trabalho. Precisa também ter bem claro o *propósito*, o *objetivo*, a *finalidade* daquela pesquisa. Pesquisar só por pesquisar? Só porque a Secretaria de Ensino pede? Só porque virou modismo pedagógico? Com licença...

3.1. O que é um projeto?

Nenhum médico tomará uma decisão importante sobre o tratamento de um paciente antes de fazer seu diagnóstico. Nenhum engenheiro iniciará uma obra antes de fazer seus cálculos. Nenhum diretor de cinema começará a filmar sem ter nas mãos um roteiro. Da mesma forma, ninguém pode iniciar uma pesquisa sem antes ter preparado um *projeto*.

Usa-se muito essa palavra, mas o que será mesmo que ela significa? É fácil descobrir. Pense no que faz aquela máquina que existe nos cinemas e que se chama *projetor*. Você está sentado na platéia, no meio da sala. Na sua frente, a tela. Atrás de você, aquela cabine com buraquinhos na parede por onde passa o filme. Se a cabine está atrás de você, e a tela está na frente, o que significa *projetar* o filme? Significa isso mesmo: *lançar para a frente* (neste caso, o filme).

Fazer um *projeto* é lançar idéias para a frente, é prever as etapas do trabalho, é definir aonde se quer chegar com ele — assim, durante o trabalho prático, saberemos como agir, que decisões tomar, qual o próximo passo que teremos de dar na direção do *objetivo* desejado.

Assim como fazemos pesquisa de modo informal e rudimentar quase a todo momento, também é comum fazermos projetos simples para termos uma idéia, uma previsão do que nos espera pela frente. Por exemplo: quando você quer dar uma festa de aniversário e faz a lista dos convidados, calcula a quantidade de salgadinhos e refrigerantes, pensa no tamanho do bolo e no número de cadeiras e sofás para acomodar todas as pessoas... está fazendo um projeto. As anotações que você faz em sua agenda são seu projeto para aquele determinado dia. Uma receita de bolo é o projeto de um bolo. O mesmo vale para a planta de uma casa ou apartamento. Uma lista de compras também é um projeto (o de gastar só o necessário! Ah, como é difícil!).

Nas pesquisas científicas importantes, o projeto é uma etapa imprescindível. Para que algum daqueles órgãos de apoio à pesquisa que citei lá em cima se disponha a financiar um pesquisador, é preciso que ele prepare um projeto minucioso, detalhado, mastigadinho, dando conta de tudo o que pretende fazer em seu trabalho, especificando inclusive quanto dinheiro pretende gastar em cada fase da pesquisa. Na universidade também é assim: uma pesquisa só pode começar de verdade depois que seu projeto tiver sido analisado e aprovado por um ou mais orientadores.

3.2. Um projeto para ensinar a pesquisar

É claro que para um trabalho de pesquisa na escola de 1º grau podemos fazer projetos mais simples. Como quero dar aqui algumas idéias bem práticas, imaginei que, ao longo deste livro, podemos empreender um trabalho de pesquisa.

Tudo o que vou fazer junto com você, professor, a partir de agora é o mesmo que você deverá fazer junto com

seus alunos para ensinar a eles como pesquisar. O que estou querendo dizer é que, *antes de pedir a eles que façam por conta própria uma pesquisa, você deve mostrar a eles como se faz este tipo de trabalho*. Isso porque você só pode obter um produto depois que tiver conhecimento do processo de produção. Quando pede ao aluno para resolver um problema de matemática, você normalmente solicita a ele que mostre também os cálculos que fez para chegar ao resultado, não é? Aliás, é aí que está a importância de um problema de matemática: ele nos mostra o caminho seguido, o processo, que é muito mais interessante do que o mero resultado.

Está combinado assim? Quando você for levar estas idéias à classe, substitua o tema que eu escolhi para nosso trabalho e siga os mesmos passos que seguiremos daqui para a frente.

Imaginei como tarefa prática pesquisar a vida de alguma pessoa famosa. Aposto que, para aprender a pesquisar, os alunos vão gostar muito disso. Na idade deles, a curiosidade sobre a vida das pessoas é muito grande. Quando vou visitar escolas de 1º grau onde livros meus foram lidos pelos alunos, costumo ser bombardeado por uma infinidade de perguntas que nada têm a ver com a minha atividade de escritor, e respondo a todas elas porque sei que isso faz parte do modo de estabelecer relações sociais das crianças dessa faixa etária. Além disso, é bom aproveitarmos esse instinto “fofoqueiro” que cada um de nós tem dentro de si (eu confesso, sem vergonha: adoro ler biografia!).

Você se importaria muito se fosse Monteiro Lobato? Escolhi-o por duas razões bem simples. Primeiro, porque sou fã de seus livros infantis (até me tornei escritor por causa deles!). Segundo, porque é muito fácil encontrar material de pesquisa sobre ele. Afinal, o que nos interessa em primeiro lugar aqui são os procedimentos da pesquisa, muito mais do que o tema em si.

É claro que se você e seus alunos preferirem Madonna, Ronaldinho ou Mickey Mouse, tudo bem, vamos tentar agir sem nenhum tipo de preconceito. (Eu mesmo gosto muito da Madonna, e estou escrevendo neste momento ao som da trilha sonora do filme *Evita*.)

Aliás, vai aqui uma boa dica: *procure descobrir temas que despertem o interesse de seus alunos*. Depois do sucesso do filme *Titanic*, por exemplo, houve uma verdadeira enxurrada de livros, revistas e documentários sobre Leonardo Di Caprio. Muita menina que eu encontrei nessa época sabia quase tudo a respeito do ator. Quando eu perguntava como tinham descoberto tanta coisa, respondiam que tinham lido todas as revistas e livros e assistido todos os filmes e documentários sobre ele. Ou seja: fizeram pesquisa sem saber! É o tipo de oportunidade que não podemos desperdiçar. Leonardo Di Caprio pode não fazer parte do programa da escola, mas faz parte, sim, do programa das alunas naquele momento. Estimulando a investigação sobre um tema que interesse aos alunos, estaremos contribuindo para despertar neles o gosto pela pesquisa, que deixará de ser uma obrigação aborrecida para se tornar uma atividade prazerosa. Aliás, é difícil encontrar um pesquisador que não goste do seu tema. Ninguém vai querer perder tempo e energia (e muitas vezes até dinheiro!) pesquisando alguma coisa que não seja de seu interesse.

Os itens do projeto (muito simples) que poderíamos elaborar são os seguintes:

- 📎 Título: ...
- 📎 Objetivo: ...
- 📎 Justificativa: ...
- 📎 Metodologia: ...
- 📎 Produto final: ...
- 📎 Fontes de consulta: ...
- 📎 Cronograma: ...

Nosso próximo passo será preencher cada um desses itens de acordo com a idéia inicial, que é o tema geral da pesquisa. A montagem do projeto é uma fase importante do trabalho. É preciso que ela se faça dentro de um clima de muita discussão e debate, permitindo a democratização das decisões. Para cada item é provável que surjam diversas propostas. O professor deverá anotá-las (ou, melhor ainda, escolher alguém que queira fazer isso), para depois submetê-las a votação.

Está claro que tudo isso leva tempo e exige muita diplomacia e jogo de cintura da parte de todas as pessoas envolvidas. São os “males” da democracia. Mas é também uma boa oportunidade para as pessoas aprenderem a exercer a paciência, a tolerância, a humildade, a autocrítica e outras virtudes que não aparecem muito nas novelas da Rede Globo nem nos programas do SBT ou da TV Record...

4. DISCUTINDO O PROJETO

É bom que fique bem claro, desde já, que não vou apresentar aqui idéias para você *cobrar* dos seus alunos, mas sim *sugestões* de procedimentos para mostrar a eles como é que se faz uma pesquisa. Se você não concordar com algumas delas, ótimo! Substitua-as como achar melhor e mais adequado ao ambiente escolar em que você atua. As atitudes dogmáticas são o antônimo perfeito de práticas pedagógicas!

O professor pode vir com o projeto pronto, mas tem de estar disposto a permitir que ele seja discutido em classe para eventuais modificações, desde que lhe pareçam compatíveis com o tipo de trabalho que se quer fazer. Por exemplo, no nosso caso, alguém pode sugerir uma viagem a Taubaté, onde nasceu Monteiro Lobato, e visitar o sítio do avô dele que existe até hoje e é um museu. Tudo bem se a escola ficar

em São Paulo ou em algum lugar perto, mas se for no Recife ou em Porto Alegre...

É importante também que o professor explique detalhadamente cada elemento do projeto, que ressalte a importância de organizar as idéias antes de começar a pô-las em prática. Só para você ter uma idéia da utilidade de um projeto, eu fiz um antes de começar a escrever este livro, e estou seguindo-o com cuidado, para não me perder no meio de tantas idéias que vão aparecendo no meio do caminho. Quando alguma me parece muito boa, acabo incorporando-a ao projeto inicial. (Se você quiser saber como acabou ficando meu projeto no fim, basta ler o índice deste livro! Cada item dele corresponde a um ponto específico do projeto.)

4.1. O título

É coisa fácil de explicar, não é? Tudo o que a gente faz precisa ter um nome. Mas nem sempre ele é definitivo. Se você (ou a turma) não estiver muito inspirado para batizar o trabalho, dê um *título provisório*. No desenrolar da pesquisa pode ser que alguém encontre um nome interessante, pitoresco ou divertido para ela.

Quando uma fábrica de automóveis está estudando um modelo novo, ele recebe um nome provisório, só para constar do projeto. Uma vez terminada a pesquisa, feitos todos os testes e terminados os últimos ajustes é que a equipe de criação vai imaginar um nome que tenha um bom apelo comercial para o carro.

Recentemente, foram lançados dois livros sobre Monteiro Lobato com títulos muito saborosos: *Um jeca nos vernissages* (de Tadeu Chiarelli) e *Furacão na Botocúndia* (de C. L. Azevedo, M. Camargos e V. Sacchetta). Para o nosso projeto, sugiro o seguinte título:

☞ Monteiro Lobato, vida e obra

4.2. O objetivo

É o ponto de chegada, a meta final. É a contribuição que o projeto quer dar ao conhecimento daquele tema. Uma pesquisa sem objetivo é uma aberração científica! Essa história de mandar o aluno pesquisar com o único “objetivo” de apresentar um trabalho para o professor dar uma olhada superficial e atribuir uma nota é um verdadeiro crime contra a ciência! O pesquisador em farmácia que está testando novas combinações de substâncias para tentar combater uma doença tem o objetivo claro de salvar vidas humanas. Faça ver a seus alunos que fazer pesquisa é assumir pelo menos um compromisso: aumentar o conhecimento das pessoas acerca de um determinado assunto. E isso é uma grande responsabilidade!

Nosso objetivo aqui será:

☞ Tornar mais bem conhecida dos alunos e da comunidade a importância de Monteiro Lobato na literatura e em outros aspectos da história do Brasil.

4.3. A justificativa

É a “desculpa” que você dá para fazer aquela pesquisa. Qual a importância daquele tema escolhido? Ele tem relevância para as pessoas envolvidas? Ele pode contribuir de algum modo para o aperfeiçoamento da sociedade em que está inserido? Fazer uma pesquisa sobre os efeitos da neve sobre a saúde das pessoas pode até ser importante, mas não no Brasil!

A justificativa é a *defesa* que você faz de seu projeto. Nela você apresenta argumentos que convençam as pessoas de que aquele trabalho é digno de interesse e de... financiamento! Os órgãos que dão verbas para a realização de pesquisas querem saber minuciosamente por que aquele projeto merece investimento. Já me aconteceu de preparar um projeto lindíssimo e receber de volta um parecer com as palavras: *justificativa insuficiente*. Caprichei no título, detalhei os objetivos, mas não fui convincente o bastante na justificativa. (Pense bem agora nas justificativas que você dá para pedir trabalhos de pesquisa aos seus alunos...)

Veja se você concorda com a seguinte justificativa (se não concordar, elabore outra):

☞ Monteiro Lobato é considerado até hoje o nosso mais importante autor de literatura infantil, gênero em que foi pioneiro no Brasil. Além disso, teve atuação fundamental na criação da indústria editorial brasileira, tendo sido o fundador de algumas das primeiras editoras do país, que existem até hoje. Por isso, a data de seu nascimento foi escolhida para se comemorar o Dia do Livro. Seu papel na campanha do petróleo também merece destaque.

4.4. A metodologia

A *metodologia*, como o nome indica, tem a ver com o modo de obtenção dos dados que sustentarão a pesquisa. No nosso caso, como queremos escrever um texto, nossa metodologia não será das mais complicadas. Vamos ler, fi-char, redigir.

Mas nem toda pesquisa se faz com métodos tão simples. Algumas exigem gravações em fita cassete ou em vídeo, elaboração de maquetes ou protótipos, experimentos controlados, testes monitorados, entrevistas com informantes, visitas a cemitérios, autópsias de cadáveres, consultas a museus, dissecação de animais, escavações, prospecções, explosões, implosões, mergulhos em alto-mar, escalada de montanhas etc. É praticamente infinito o número de métodos de pesquisa que existem.

Mas é preciso ter um método. Pedir ao aluno um trabalho de pesquisa sem ajudá-lo a definir os melhores métodos para fazê-lo é o mesmo que dar um prato de comida a uma pessoa e obrigá-la a comer com as mãos amarradas para trás. Bem ou mal, ela vai acabar comendo, mas só Deus sabe como! É preciso não só desamarrear as mãos dos nossos alunos, como também mostrar a eles os talheres adequados para aquele tipo de comida! Sopa com faca, nem pensar!

Nossa metodologia então será:

☞ *Leitura de obras de referência. Fichamento de dados. Redação de um texto informativo sobre Monteiro Lobato.*

4.5. O produto final

Este é um ponto importantíssimo deste nosso projeto, e quero insistir muito nele. Imagine que alguém lhe encomendou um bolo e que você fez um maravilhoso. Pronto o bolo, a pessoa aparece, enfia um dedo nele para ver se está macio, dá uma cheiradinha por cima, diz que está bom e depois joga tudo no lixo. Não é horrivelmente frustrante? Um bolo (principalmente se for maravilhoso!) é para ser apreciado, saboreado, compartilhado com muitas pessoas, aproveitado por to-

dos os que estão à nossa volta. Em torno dele podemos até organizar uma festa!

Por que estou falando de bolo e de frustração? Porque o que acontece com a maneira convencional de fazer pesquisa na escola é uma história bastante parecida. O professor pede uma pesquisa ao aluno. Ele a faz do jeito que pode e leva-a para o professor. Este passa os olhos pelo trabalho (afinal, para que ler mesmo, não é? Eu já sei essas coisas de cor!), dá uma nota e o devolve ao aluno (quando simplesmente não o joga fora). É ou não é absurdo?

Já vimos que fazer uma pesquisa é assumir um *compromisso* e uma *responsabilidade*. Todo trabalho tem que ter um produto final. No nosso caso, a pesquisa tem que dar aquela contribuição, de que já falamos, para o aperfeiçoamento intelectual do indivíduo, da turma, da escola, da comunidade...

É preciso, então, que tenhamos em mente — e no projeto — o tipo específico de *produto final* que desejamos obter com a pesquisa que propusemos aos alunos. E é igualmente preciso que este produto final tenha um *destinatário*, que não pode ser apenas o professor. Nenhum laboratório farmacêutico vai pesquisar e desenvolver um medicamento novo para aplicá-lo numa única pessoa e depois jogar a fórmula no lixo, vai?

Produto final visado:

☞ *Um texto informativo*

4.5.1. O que fazer com um texto?

Como no nosso caso o produto final desejado é um *texto*, precisamos saber o que fazer com ele. Ninguém escreve para ser lido por uma única pessoa — só se for uma carta

íntima ou um código secreto. Um texto é um instrumento poderoso de intervenção na sociedade. Pense na força que têm os decretos, as leis, as proclamações. Foi um documento escrito, um texto, que acabou com a escravidão negra no Brasil. Foi também uma autorização escrita do presidente dos Estados Unidos que permitiu que fossem lançadas as bombas nucleares sobre Hiroxima e Nagasáqui...

Quem escreve precisa estar consciente dessa responsabilidade. Quem escreve depois de uma pesquisa, então, tem mais responsabilidade ainda, pois é egoísmo puro e falta de solidariedade guardar os frutos de seu trabalho só para si ou para um grupo fechado de pessoas. Depois que nosso texto estiver pronto, é imprescindível que ele tenha um *destinatário coletivo*. Por isso aqui vão duas sugestões:

(1) *publicar o texto no jornal da escola*. O quê? Sua escola não tem jornal? Não existe desculpa para isso. Minha filha Júlia, quando estava na 2ª série, preparou *sozinha* um jornal para sua classe. Ela mesma digitou ao computador (catando cada tecla!), fez os desenhos, escolheu o tipo de papel e imprimiu duas dúzias de exemplares. Chamou-se *Jornal da Manhã* (porque ela estudava no turno da manhã). Nesse jornalzinho tinha tudo: piadas, jogos, adivinhações, contos, poesias, fofocas, correio elegante. Se uma menina de oito anos pôde fazer isso (e nem foi a professora que pediu!), o que não poderá fazer toda uma classe, ou toda uma série, com a ajuda dos professores, dos pais e da administração da escola?

“Ah, mas a nossa escola não tem computador.” Também não é desculpa. Pelo menos uma máquina de escrever deve existir por aí. Ou algum aluno terá computador em casa. Papel, lápis de cor, caneta hidrográfica,

giz de cera, tinta guache, cola, purpurina, etiqueta auto-adesiva, recorte de revista, tesoura... Todos esses materiais são de fácil obtenção. Além disso, preparar um jornal (bimensal, trimestral, semestral que seja!) vai ser uma maneira muitíssimo mais gostosa de escrever e refletir sobre as questões da linguagem — incomparavelmente mais prazeroso do que as temidas redações, que, pensando bem, do jeito como tradicionalmente são feitas (sem destinatário!), não servem para nada!

(2) apresentar o texto na forma de *palestra* para os demais alunos, professores, funcionários, pais e comunidade em geral. Se minha pesquisa foi interessante para mim, tem de ser também para outras pessoas. Se eu acredito que ela é uma contribuição válida para aumentar a minha cultura e a de quem me cerca, preciso levá-la ao conhecimento de todos. Pode-se organizar um dia especial para isso, numa data comemorativa (o Dia do Livro, por exemplo, no nosso caso, que é o dia de nascimento de Monteiro Lobato, 18 de abril) ou coisa assim. A escola pode entrar em contato com outras escolas ou instituições do gênero (bibliotecas públicas, por exemplo) para que a palestra seja feita também em outros lugares.

Além dessas duas formas de *publicação* do trabalho, muitas outras podem ser imaginadas. Saber que seu texto não será lido apenas pelo professor ou por um grupo de colegas certamente levará o aluno a querer preparar um texto bem elaborado, bem escrito, agradável de ler, coerente e interessante. Ter consciência de que seu trabalho poderá ser exposto a um público maior, numa palestra, também contribuirá para que ele se sinta mais responsável pelo que vier a fazer. Não é assim com todos nós?

Uma ressalva importante. O fato de estabelecermos desde cedo um destino para o produto final do trabalho de pesquisa dos alunos não pode se transformar num motivo de *pressão* por parte do professor, gerando *ansiedade* ou *insegurança* nos alunos. É bom evitar avisos e conselhos do tipo: “Cuidado, esse texto vai ser lido por muita gente!” “Pense no que dirão de seu trabalho quando você for apresentá-lo!” A conscientização da responsabilidade representada pela pesquisa e pelo texto (ou outro produto final) tem que ser feita com sutileza, tato e por meio de sugestões, “toques”, “dicas” e “papos”. Elogios com ressalvas são uma boa tática: “Seu trabalho está muito legal, mas acho que podia ficar ainda melhor se você aqui fizesse tal e tal coisa”...

4.6. Fontes

As fontes da pesquisa podem ser tão variadas quanto as metodologias. Tudo depende, mais uma vez, do objetivo visado. Para a produção do nosso texto, poderemos recorrer basicamente a uma pesquisa bibliográfica. Para obtermos informações sobre Monteiro Lobato usaremos enciclopédias (em livro ou em CD-ROM), dicionários, livros de história da literatura etc.

Indicar as fontes é muito importante. Conheço muitas pessoas que, assim que pegam um trabalho científico para ler, vão direto às páginas finais para saber em que livros e documentos o autor se baseou em sua pesquisa. Normalmente, as boas teses, os bons tratados científicos vêm apoiados em extensa bibliografia. É muito difícil alguém escrever quatrocentas páginas sobre um tema específico e citar, no fim, três ou quatro obras. Nem mesmo o mais genial dos gênios! Nenhuma universidade aceitaria uma tese assim. Mais comum é alguém publicar um artigo de dez páginas seguidas

de outras tantas de referências bibliográficas: significa que o autor, antes de se aventurar a tratar daquele assunto, investigou tudo o que conseguiu para saber em que pé estava o conhecimento de sua área naquele momento.

Só que a indicação das fontes pode criar um problema para o aluno e para o professor acostumados àquele tipo de pesquisa que nem mereceria esse nome. Qual o problema? O problema de já não poder fazer mais uma *cópia* pura e simples! Mandar copiar textos pode ser bom no período da alfabetização, para ajudar a criança a movimentar melhor o lápis ou conhecer a forma escrita das palavras. Mas na 3ª, 4ª, 5ª série, professor, com licença! Se não apelarmos para a criatividade de nossos alunos, quem vai fazer isso? A Xuxa? o Faustão? o Ratinho? o Gugu?

Estou me detendo neste ponto porque todos sabemos que a grande maioria dos alunos, nos assim chamados “trabalhos” que são feitos por aí, limitam-se simplesmente a copiar a página da enciclopédia onde encontraram o verbete referente ao tema solicitado pelo professor. É ou não é?

Se eu peço ao meu pesquisador que indique as fontes (veja bem: *as fontes*, no plural!) é porque, em caso de alguma dúvida minha a respeito do que ele escreveu, posso consultar aquelas fontes e verificar onde está o problema. Além disso, consultar mais de uma fonte permite que obtenhamos dados e informações diferentes, que enriquecerão o trabalho.

Vou dar, mais uma vez, um exemplo tirado da minha experiência pessoal. Na minha sina de tradutor, é muito comum aparecer, no texto original, uma bendita palavrinha que nunca vi mais gorda! Se eu consultar um único dicionário e ela não estiver lá, vou ficar em maus lençóis, pois as pessoas que contratam meus serviços exigem que eu lhes entregue a tradução pronta e acabada, sem “buracos” nem

dúvidas pendentes. É por isso que tenho uma coleção de dicionários, não só de língua, mas também específicos como dicionários de termos técnicos, dicionários de vidas de santos, dicionários de botânica, de agricultura, de títulos de filmes etc. Quando nenhum deles resolve, lá vou eu procurar na Internet, telefonar para algum especialista da área, visitar o embaixador! A atividade do tradutor é, basicamente, uma atividade de pesquisa. Por isso as fontes de consulta têm de ser muitas e variadas.

Uma boa idéia seria mandar que os alunos consultassem alguns dicionários e lessem a definição que cada um deles dá de *pesquisa*. Em seguida, você pode dizer, em tom gaiato: “Perceberam que nenhum dicionário diz que *pesquisa* é o mesmo que *cópia*?” Chame a atenção deles para o fato de que a pesquisa é o processo de conseguir algo *novo* com base em coisas já *dadas*. Se você misturar leite em pó, chocolate em pó e café solúvel em água quente o que acontece? Acontece um *capuccino*! Os três ingredientes ainda estão lá, mas muito bem combinados, a ponto de não conseguirmos mais identificar cada um deles. (Já deu para perceber que eu sou ligado em cozinha, não é?) Nosso trabalho de pesquisa tem de ser assim: um bom *capuccino*!

Se não quero uma cópia, que método devo seguir para obter um texto novo, original? É o que veremos daqui a pouco, depois que tivermos montado o nosso projeto.

4.6.1. Preparando uma bibliografia

Existem atualmente diversos métodos para indicar a bibliografia usada numa pesquisa. De certa forma, cada pessoa acaba adotando um deles que melhor combine com seu próprio estilo de trabalho. Como estamos pensando em alu-

nos de 1º grau, não convém complicar demais as coisas, até porque a bibliografia, nesses trabalhos, não será muito extensa. Mas, por outro lado, também é conveniente começar a mostrar a eles a importância de se fazer um trabalho organizado, sem “furos”, com todos os elementos necessários em seus devidos lugares.

A fórmula mais comum para se indicar um livro é a seguinte:

✍ ÚLTIMO SOBRENOME, 1º nome. *Título da obra*, cidade, editora, ano.

Exemplo:

✍ BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*, São Paulo, Contexto, 1997.

Quando se trata de uma enciclopédia, a referência pode vir assim:

✍ *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, vol. 7, Rio de Janeiro, Delta, 1970.

Uma reportagem de revista ou jornal assinada poderá ser citada assim:

✍ GUIMARÃES, João L. “A oficina do sabor”, *Superinteressante*, ano XI, nº 12, dezembro de 1997, pp. 34-39.

Se a reportagem não trazer o nome do autor, começa-se a referência pelo nome do jornal ou revista:

☞ *Superinteressante*, ano XI, nº 12, dezembro de 1997, p. 10 (“Surge um macaco novo no galho”).

No caso de CD-ROMS, que costumam ser obras coletivas, tenho visto citações dessa forma:

☞ CD-ROM ALMANAQUE ABRIL 1996.

Quando a fonte consultada for uma página da Internet, coloca-se o nome comercial da página seguido do endereço eletrônico dela:

☞ BRITANNICA ON-LINE. www.eb.com

Acredito que esses modelos de indicação bibliográfica bastam por enquanto. Você pode, junto com os alunos, produzir uma ficha que sirva de guia para eles na hora de enumerar as fontes de consulta que sustentaram a pesquisa.

A indicação bibliográfica, como eu já disse, confere credibilidade ao trabalho, mostra que o pesquisador agiu com seriedade e, principalmente, com honestidade. Ela nos prova que se trata de um trabalho original e não de uma simples cópia.

4.6.2. Citações

Se o pesquisador considerar importante e válido citar textualmente alguma das fontes consultadas, não há problema algum em fazer isso. O fundamental é que essa citação venha entre aspas e que a fonte seja indicada claramente no texto, além de constar obrigatoriamente da bibliografia. Exemplo:

☞ Concordo plenamente com o Prof. Perini quando ele diz, na p. 22, que “as gramáticas portuguesas de hoje representam a situação dos estudos lingüísticos por volta dos princípios do século XX — quase um século de atraso, portanto”. Por isso o ensino de português hoje, no Brasil, é tão cheio de incoerências e contradições.

Se meu leitor quiser saber a que livro estou me referindo, pode consultar a bibliografia e encontrar lá:

☞ PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do Português*, 2ª ed., São Paulo, Ática, 1996.

4.7. Cronograma

Vamos considerar extinto aquele velho esquema rançoso de escrever na lousa “Trabalho de Pesquisa. Tema: X. Entregar até dia X”. Afinal, ele é mesmo um dinossauro metodológico!

O cronograma de uma pesquisa é tão importante quanto qualquer outro ponto do seu projeto. Se eu prometer entregar a tradução de um livro de oitocentas páginas daqui a duas semanas, nenhum editor vai acreditar! Mas se, por outro lado, disser que só posso entregar o serviço pronto daqui a dois anos, vão me mandar catar coquinho (na melhor das hipóteses)!

O cronograma de qualquer trabalho tem que ser *realista*. Os prazos precisam ser condizentes com as tarefas propostas: nem curtos demais, para gerar aquele estresse insu-

portável; nem demasiado longos, para permitir distração e dispersão.

Como o projeto é um todo coeso e coerente, as partes que o compõem estão interligadas e dependem umas das outras. Os prazos para o cumprimento de cada etapa da pesquisa vão depender das exigências de cada tarefa. Além disso, eles têm de ser *negociados democraticamente*. Os alunos conhecem suas próprias dificuldades e limitações (tudo bem, às vezes eles exageram!), e nós reconhecemos as nossas (tudo bem, às vezes nós as subestimamos!). O importante é que haja um consenso e uma boa distribuição das tarefas ao longo do período previsto.

E vale sempre repetir um bordão muito velho, mas eficiente: *qualidade vale mais que quantidade*. É melhor fazer uma bela pesquisa bem feita usando todo um semestre do que uma cópia vagabunda a cada dois meses!

Uma vez delimitados os prazos, o professor — na sua qualidade (insubstituível e precípua!) de *orientador* da pesquisa — deverá controlar o progresso dos trabalhos, avisando quando as datas estiverem se aproximando (mas sem paranóia, por favor) e auxiliando os alunos em suas dificuldades ao longo do percurso.

Prazo é coisa séria. Nos dias de hoje, em que tudo na vida (infelizmente) exige muita competição, é preciso criar o hábito de cumprir os prazos, de não deixar o trabalho se arrastar demais. Mas nem por isso vamos sair por aí prometendo o impossível. A pessoa que resiste à pressão e diz, com toda honestidade: “Meu prazo é X e antes disso não dá” está impondo respeito, está mostrando que é um profissional sério em suas determinações e consciente de suas responsabilidades.

Além disso, no decorrer do trabalho, muita coisa imprevista pode acontecer e talvez seja necessário alongar o

prazo. Tudo vai depender da avaliação feita pelo professor, com base em critérios racionais e, sobretudo, democráticos. Pode ser também uma boa oportunidade para os alunos aprenderem as práticas da *negociação*!

4.8. O projeto montado

Agora que já discutimos todos os itens do nosso projeto, vamos ver como ele ficou depois de pronto:

- 📄 Título: *Monteiro Lobato, vida e obra.*
- 📄 Objetivo: *Tornar mais conhecida dos alunos e da comunidade a importância de Monteiro Lobato na literatura e em outros aspectos da história do Brasil.*
- 📄 Justificativa: *Monteiro Lobato é considerado até hoje o nosso mais importante autor de literatura infantil, gênero em que foi pioneiro no Brasil. Além disso, teve atuação fundamental na criação da indústria editorial brasileira, tendo sido o fundador de algumas das primeiras editoras do país. Por isso, aliás, a data de seu nascimento foi escolhida para se comemorar o Dia do Livro. Seu papel na campanha do petróleo também merece destaque.*
- 📄 Metodologia: *Leitura de obras de referência. Fichamento de dados. Redação de um texto informativo sobre Monteiro Lobato.*
- 📄 Produto final: *Um texto informativo.*

- ☞ Fontes de consulta: *Enciclopédias, CD-ROMS, livros de história da literatura, outras.*
- ☞ Cronograma:
 1. *Levantamento das fontes: de X a Y*
 2. *Leitura da bibliografia: de X a Y*
 3. *Preparação das fichas: de X a Y*
 4. *Redação do texto: de X a Y*
 5. *Apresentação: de X a Y*

5. A COLETA DE DADOS

Agora que nosso projeto já está bem montado, vamos partir para o trabalho prático. De acordo com a metodologia que escolhemos, nossa próxima tarefa é coletar os dados da nossa pesquisa. Isso pode ser feito de diversas maneiras.

Cada pessoa tem seu jeito próprio de trabalhar. Algumas são mais organizadas e metódicas. Outras são mais bagunçadas e caóticas. Nenhum dos dois modelos é melhor do que o outro, fique logo sabendo. Conheço muita gente que produz coisas maravilhosas em pleno caos. Dizem que Villalobos só conseguia compor no meio da sala da casa dele, com a televisão ligada, carros passando na rua, gente almoçando, cachorro latindo e papagaio xingando. Outras pessoas necessitam da paz de um convento. Tudo depende, é claro, do tipo de personalidade e do temperamento de cada um. Por isso, professor, preste atenção para não querer transformar seu aluno num pequeno obsessivo só porque ele é um pouco desorganizado. O importante é que ele produza coisas, que consiga realizar seus objetivos.

O que vou dar agora são algumas sugestões para a gente organizar os dados que for coletando ao longo da

consulta às fontes. Como vamos recorrer basicamente a material escrito, nossa pesquisa não vai ser muito complicada.

5.1. Fichamento

É um velho método de coleta de dados, documentado até mesmo em obras escritas antes de Cristo! Você pega uma ficha (do tamanho que lhe parecer conveniente: há vários modelos nas papelarias) e vai anotando nela os principais dados que encontrar à medida que for consultando a fonte.

Para que sua leitura não seja cansativa, tendo de interrompê-la a todo momento para preencher a ficha, é recomendável ir assinalando, no próprio texto (com aquelas canetas de tinta brilhante chamadas *marcadores*), tudo o que lhe parecer interessante para a pesquisa. É claro que você só poderá fazer isso se o material de consulta for seu. Pelo amor de Deus, não vá rabiscar a enciclopédia de nenhuma biblioteca! Tirar uma fotocópia das páginas que interessam pode ser uma boa. (Mas cuidado: fotocopiar livros inteiros é crime! É o mesmo que tirar dinheiro do bolso do autor!) Chame a atenção dos alunos para a importância de conservar no melhor estado possível as obras de referência (dicionários, enciclopédias, coleções), que são de utilidade pública (mesmo que pertençam a eles!).

Depois de lido e assinalado o texto, você pode passar ao fichamento. Desse modo, ele estará praticamente resumido na ficha, com todas as palavras-chaves anotadas. Se fôssemos fichar um artigo lido sobre Monteiro Lobato, por exemplo, provavelmente obteríamos uma ficha preenchida mais ou menos assim:

☞ *Fonte:* CD-ROM ALMANAQUE ABRIL 96
 José Bento Monteiro Lobato
 Nasceu em Taubaté (SP), 1882. Morreu em 1948
 Formou-se em Direito (São Paulo, 1904)
 Promotor em Areias (SP) por sete anos
 Fazendeiro em Buquira (SP)
 Publica *Urupês* (1918), contos (aparece aí o Jeca Tatu)
A Menina do Narizinho Arrebitado (1921), 1º livro infantil
 Demais livros sobre o Sítio do P. Amarelo: entre 1921 e 1946
 Vive em Nova York: 1926 a 1931 (adido comercial)
América: livro sobre o progresso dos EUA
O Escândalo do Petróleo (1936): inicia sua atividade pelo petróleo brasileiro
 É preso (1941) por ter escrito carta ao ditador Getúlio Vargas
 Filho morre de tuberculose. Muda-se para Argentina.
 Publica (1943) *A Barca de Gleyre*: correspondência com Godofredo Rangel.

Observe que no alto da ficha nós citamos a fonte de onde tiramos os dados fichados. Já é o primeiro passo para organizarmos, mais tarde, a bibliografia que vai sustentar a pesquisa.

Com os dados acima já poderíamos escrever um texto, não é? Bastaria alinhar todas as informações, construir frases bem conectadas e pronto. Mas não é o que faremos. Afinal, já sabemos que para fazer uma boa pesquisa é preciso recorrer a *várias* fontes, e essa foi só a primeira.

Depois de termos consultado *todas* as fontes de que dispomos (ou que selecionamos para nosso trabalho) e

preparado as fichas de leitura é que procederemos à elaboração do texto, que será o produto da nossa pesquisa.

5.2. Questionário

Este talvez seja o método de coleta de dados mais adequado para os nossos alunos de 1º grau. Uma vez escolhido o tema, é natural que a pesquisa vise responder a determinadas perguntas, que o professor não terá dificuldade em formular. É um modo bastante didático de dirigir a pesquisa. Querendo responder ao máximo de questões, o aluno recorrerá ao máximo de fontes possíveis, o que é bom.

O professor esperto terá obtido muitas informações acerca do tema a ser pesquisado para poder formular boas perguntas. Além disso, pode compor o questionário juntamente com os alunos, incentivando-os a dar suas próprias sugestões.

Se estamos pesquisando a vida de uma pessoa, e se já sabemos que se trata de um escritor, não há como escapar das seguintes perguntas:

- ☞ fonte: ...
1. Qual o nome completo de Monteiro Lobato?
 2. Onde nasceu? Quando?
 3. Onde morreu? Quando? De quê?
 3. Qual o nome de seus pais?
 4. Cursou universidade? Quando se formou? Onde?
 5. Exerceu sua profissão? Quando? Onde?
 6. Quando iniciou suas atividades literárias?
 7. Qual foi o primeiro livro que publicou?
 8. Quando começou a escrever para crianças?
 9. Viveu no exterior? Onde? Quando?

10. Qual a sua participação na questão do petróleo?
11. Sofreu repressão política? Por quê?
12. O que fez pela indústria editorial do Brasil?
13. ...
14. ...
15. ...
- ...

Tal como os dados coletados nas fichas, as respostas dadas a essas perguntas podem ser “costuradas” até formarem um texto. Faça ver aos alunos que cada uma das fontes consultadas terá respostas diferentes — mais longas, mais breves, mais detalhadas, mais sucintas — para as mesmas perguntas. Além disso, algumas fontes bibliográficas podem simplesmente não ter respostas para algumas delas, o que exigirá mais consultas.

5.3. Conheça uma velha amiga: a síntese

Não é má idéia fazer um uso misto das duas técnicas que acabamos de ver. Por exemplo, terminado o fichamento das fontes, o pesquisador pode aplicar às fichas o questionário elaborado em classe. Em vez de fazer cada fonte bibliográfica responder ao questionário, ele pode simplesmente pinçar as respostas já dadas nas fichas, obtendo assim uma *síntese*. Este é um termo que merece atenção.

Síntese é uma linda palavrinha grega. Para traduzi-la os latinos usavam *compositio*, *compositionis*. Isso mesmo: é a nossa *composição*! Fazer uma *síntese* é *compor* um produto novo servindo-se de todos os “ingredientes” coletados ao longo do caminho. Lembra-se do *capuccino*? É uma bebida *sintética*, um *composto* de diversos elementos.

O texto que desejamos elaborar como produto final da nossa pesquisa será a *síntese* do nosso trabalho, uma *composição* que faremos com base nos dados obtidos.

Este conceito de *síntese* será fundamental para a etapa seguinte do trabalho, que é justamente a redação do texto final.

5.4. Uma palavrinha sobre as fontes de consulta

Como já vimos no primeiro capítulo, a pesquisa tem como objetivo trazer uma contribuição *nova* ao conhecimento do campo de saber em que vai ser feita. Por isso, não adianta muito fazer uma pesquisa que dê resultados que já foram alcançados e ultrapassados por trabalhos anteriores. Qual a graça de fazer uma pesquisa para descobrir que os portugueses chegaram ao Brasil em 1500? É chover no molhado. Interessante será investigar se de fato foram eles os primeiros europeus a passar por aqui, ou se Cabral saiu ou não de Portugal com a missão secreta de ocupar a parte sul do continente descoberto oito anos antes por Colombo a serviço da Espanha!

Para darmos esta contribuição nova, precisamos selecionar com muito cuidado nossas fontes de consulta. Todos os dias a ciência dá um passo adiante, a história da humanidade também (infelizmente, nem sempre na melhor direção!).

Eu me lembro de ter lido na infância um livro de ciências que dizia que o “sonho” dos pesquisadores era inventar um avião que decolasse verticalmente — em 1982, na guerra das Malvinas, os ingleses já estavam usando aviões assim! E veja que eu nem sou tão velho! Um mapa do Brasil anterior a 1988 não trará o Estado de Tocantins. Um mapa da Europa anterior a 1990 não apresentará uma dúzia de países novos que se constituíram depois dessa data!

Por essas e outras, devemos buscar sempre *obras de referência atualizadas*. É claro que tudo vai depender, também, do tema da pesquisa. Quando se trata de ciência, tecnologia e história recente, é bom ter à mão um material sintonizado com os últimos acontecimentos (ou, pelo menos, com os penúltimos, já que é tão difícil acompanhar no mesmo ritmo o assim chamado *progresso* da humanidade).

Uma boa sugestão é consultar o ALMANAQUE ABRIL, em livro ou em CD-ROM, pois é uma obra que se atualiza a cada ano. Embora suas informações não sejam muito extensas nem muito profundas, elas têm a vantagem de estarem mais sintonizadas com o momento atual. Por isso, procure sempre a edição do ano em que você está.

Se você lê bem inglês e está conectado à Internet, não existe melhor fonte de consulta no mundo (e desta vez não é exagero meu) do que a ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA ON-LINE. O endereço é www.eb.com. Ali as informações são atualizadas quase que diariamente! Para consultá-la, você precisa fazer uma assinatura anual, que não é muito cara (não chega a duzentos dólares), principalmente tendo em conta a maravilha que é. Além disso, existe a opção de assinatura institucional. Se sua escola tiver condições e estiver conectada à Internet, não custa nada tirar vantagem dessa nova forma de “biblioteca virtual”. Hoje em dia, não sei o que seria da minha vida de tradutor se não pudesse recorrer a ela. Já obtive informações ali sobre o Brasil que nenhum livro impresso por aqui me deu!

Outra boa sugestão para a escola como um todo é assinar a revista *Superinteressante*. Ela cumpre o que promete no nome: seus artigos e reportagens são interessantíssimos! A linguagem é clara e acessível, pois o público visado é a garotada de 1º e 2º graus. Além da revista existe também um CD-ROM com as matérias mais interessantes publicadas naquele ano. Vale a pena consultar.

Na televisão brasileira, infelizmente, não existe, nem de longe, o objetivo de educar o cidadão, de contribuir para sua formação cultural e intelectual. Muito pelo contrário, o apelo se faz sempre no sentido inverso, o do emburrecimento, do estímulo às atitudes mais mesquinhas e vis. As únicas exceções, nos canais abertos, ficam por conta da TV CULTURA, de São Paulo, e das televisões educativas dos outros Estados. Nelas existe uma programação que valoriza a inteligência do espectador: documentários científicos, entrevistas com gente que tem o que dizer, programas infantis e juvenis que não querem apenas vender sandália de plástico e bonecas medonhas de feias... Na televisão por assinatura, conheço pelo menos dois canais que vale a pena ver de vez em quando: DISCOVERY CHANNEL e DISCOVERY KIDS. (O único problema é que os programas são todos estrangeiros, e as traduções de vez em quando me fazem subir pelas paredes de tão horríveis!)

Essas são apenas algumas sugestões para você orientar seus alunos na consulta às fontes de pesquisa. Peça para eles estarem sempre de olho na data de publicação do material que forem usar em seu trabalho. Dependendo do tema, uma enciclopédia velhinha pode continuar sendo útil: é difícil que apareça uma “novidade” na biografia de Monteiro Lobato, por isso uma enciclopédia como a minha Delta-Larousse, que é de 1970, tem ainda sua contribuição a dar. Mas é bom reforçar a necessidade de consultar sempre as fontes mais novas, pois isso criará no aluno um hábito que lhe será muito útil na sua atividade profissional e intelectual futura.

6. O PRODUTO FINAL

Vamos agora passar à parte prática do nosso trabalho. Já vimos muitos conceitos e definições e aprendemos o signifi-

cado de algumas palavras importantes. Chegou a hora de começarmos realmente a nossa pesquisa. E o primeiro passo, como já sabemos, vai ser a coleta de dados por meio de fichamento.

Como meu interesse aqui é fazer o professor “pôr a mão na massa”, selecionei quatro fontes de consulta para o nosso trabalho. Já que a nossa pesquisa é basicamente bibliográfica, nossas fontes de consulta, obviamente, serão textos. Os quatro textos que escolhi estão agrupados no anexo, lá no final do livro, por medidas práticas. Vou pedir para você fichá-los, tudo bem? Não tenha pressa. Eu espero (lembre-se que já fizemos um cronograma de atividades)...

6.1. Outra amiga nossa: a análise

Terminou o fichamento? Ótimo. Vamos passar agora a *analisar* os dados que temos nas fichas. É muito comum a palavra *análise* aparecer como um oposto de *síntese*. Por que será que isso acontece?

Nós já vimos que *síntese* quer dizer “composição”. E o que significa *analisar*? Significa “dissolver, desligar, decompor, quebrar em pedaços”. Parece estranho, não é? Mas é isso mesmo o que acontece.

Veja só: quando um médico pede um exame de sangue, a amostra coletada vai ser *analisada* num laboratório: o analista vai investigar cada um dos elementos que compõem o sangue (glóbulos brancos e vermelhos, plaquetas etc.) para ver se há algo errado em algum deles.

Analisar uma situação é uma atividade que sempre começa com uma enumeração de fatores. Se formos analisar a situação da educação no Brasil, por exemplo, teríamos de falar do salário dos professores, da formação dos professores,

do investimento do governo na educação, da superlotação das salas de aula, da ausência de equipamentos e assim por diante. De posse de todos esses dados, poderemos elaborar uma *síntese* da situação educacional no país.

Como o objetivo da *análise* (“decomposição, dissolução, quebra”) é obter uma idéia geral do que está sendo investigado, o verbo *analisar* passou a ser sinônimo de “examinar”.

6.2. O que vamos analisar?

Na nossa pesquisa, o objeto da nossa análise serão os textos que consultamos. Vamos “quebrá-los em pedacinhos”, isto é, vamos extrair deles os dados que nos interessam.

Não será difícil notar que esses dados podem ser classificados em dois grandes tipos. De um lado, os dados que são comuns a todos os textos. De outro, os dados que são fornecidos apenas por um ou outro texto. Daí a importância de um número variado de fontes: cada uma delas virá a acrescentar as informações oferecidas pelas outras.

Os dados do primeiro tipo são aqueles que terão de aparecer no nosso trabalho *obrigatoriamente*: nome completo de Monteiro Lobato, data de nascimento e morte, lugar onde nasceu, títulos dos principais livros, atividades mais importantes etc. Não há como escapar disso em qualquer pesquisa sobre qualquer tema.

Os dados do segundo tipo são informações que poderemos ou não acrescentar ao nosso trabalho, tendo como critério para “peneirá-los” os objetivos que estabelecemos desde cedo no nosso projeto. No nosso caso, dificilmente vamos querer deixar de fora alguma coisa, e isso por duas razões bem simples. Primeiro, nosso objetivo é tornar Monteiro Lobato mais bem conhecido de quem vier a ler nosso texto, e por isso qualquer informação nova será bem-

-vinda. Segundo, nossa pesquisa é simples, breve, em nível de 1º grau, e nossas fontes de consulta não são muito profundas.

Em pesquisas mais demoradas, contudo, o investigador tem que ser muito criterioso na hora de acolher ou descartar informações que vai encontrando ao longo de seu trabalho. Às vezes a gente lê um livro inteiro para descobrir que apenas algumas páginas têm interesse para o nosso trabalho. Aqui a palavra-chave é *relevância*. Não podemos encher nossa pesquisa de dados, informações, digressões e citações que não contribuam especificamente para o nosso objetivo. Mas também não podemos deixar de fora coisas muito importantes, *relevantes* para o tema que estamos investigando. Como eu já disse, pesquisa é coisa séria e difícil!

Analisando, portanto, as fontes que temos, vamos ver o que todas elas têm em comum:

- | |
|-----------|
| 1..... |
| 2.. |
| 3..... |
| 4..... |
| 5..... |
| |

Vejamos agora o que cada uma delas nos apresenta de diferente em relação às outras:

- | |
|-----------|
| 1..... |
| 2.. |
| 3..... |
| 4..... |
| 5..... |
| |

6.3. Vamos tomar um capuccino?

Chegou o momento de prepararmos o nosso *capuccino*, isto é, o nosso texto informativo, produto final da nossa pesquisa. Nele devem aparecer todos os dados comuns a todas as fontes de consulta e também aqueles que, pelo critério da *relevância*, julgamos importantes para o nosso objetivo.

Eu elaborei o meu próprio texto seguindo esses critérios. É provável (e desejável) que ele apresente diferenças em relação ao texto que *você* escreveu. Afinal, ninguém faz mesmo nada igual a ninguém. Se dois seres humanos não têm sequer as mesmas impressões digitais, que são apenas umas linhasinhas na pele dos dedos, imagine se conseguirão escrever os mesmos textos, que são um produto muito mais elaborado das suas faculdades mentais!

Ter isso em mente é sempre bom na hora de avaliarmos os trabalhos de nossos alunos. É natural que tenhamos uma expectativa: sabemos de antemão o que é importante naquele momento da aprendizagem, o que estamos tentando ensinar. Mas não devemos usar essa expectativa como se fosse uma camisa-de-força para aprisionar a criatividade das crianças. Aliás, este me parece um bom momento para eu lhe contar uma historinha...

6.4. Já ouviu falar de Procusto?

Na velha e boa mitologia grega, havia um personagem muito cruel que se chamava Procusto. Já ouviu falar desse nome horrível? Procusto era um malfeitor que morava numa floresta. Ele tinha mandado fazer uma cama que tinha exatamente as medidas do seu próprio corpo, nem um milímetro a mais, nem um milímetro a menos. Quando capturava uma pessoa na estrada, Procusto amarrava-a naquela cama.

Se a pessoa fosse maior do que a cama, ele simplesmente cortava fora o que sobrava. Se fosse menor, ele a espichava e esticava até ela caber naquela medida. Simpático ele, não? Procusto foi morto pelo herói Teseu, o mesmo que depois matou o Minotauro.

É fácil decifrar a simbologia desse mito. Procusto representa a *intolerância* diante do outro, do diferente, do desconhecido. Representa a visão de mundo totalitária daquele sujeito que quer moldar todos os demais seres humanos à sua própria imagem e semelhança. É a recusa da multiplicidade, da diversidade, da criatividade, da originalidade: “Quem não se conforma ao meu tamanho não pode andar solto por aí, a menos que vá jogando fora tudo o que *eu não tenho* até caber na *minha* medida, ou a menos que se espiche e se estique até ter o mesmo que eu e ser igual a mim”.

O espírito de Procusto esteve presente em várias etapas da história da humanidade. Esteve presente durante a Inquisição, que condenou à fogueira tudo o que não se encaixava nos dogmas da Igreja. Esteve presente na caça às bruxas, que levou à morte milhares de mulheres, cujo único crime era saber um pouco mais que os homens a quem deviam submissão. Esteve presente na conquista da América, que representou o extermínio de civilizações inteiras de norte a sul do continente. Esteve presente no longo e doloroso processo de escravização de milhões de negros africanos. Esteve presente nos campos de concentração onde os nazistas eliminaram milhões de judeus, ciganos, homossexuais e todo e qualquer opositor ao regime. Esteve presente nos regimes totalitários de esquerda e de direita que imperaram depois da 2ª Guerra mundial em vários países do mundo.

Infelizmente, ao longo da história, percebemos que a escola teve um papel muito importante na difusão do espírito de Procusto. A educação tradicional — repressora e into-

lerante — sempre se guiou pelo autoritarismo e pela consolidação de preconceitos dos mais diversos tipos. Não acha que já é hora de tentarmos mudar essa situação?

7. OUTRAS IDÉIAS SOBRE PESQUISA NA ESCOLA

Agora que nossa pesquisa acabou e que obtivemos nosso produto final, podemos descansar um pouco e deixar vir à nossa imaginação algumas idéias que possam tornar mais interessante e (por que não?) divertido o ato de ensinar a aprender.

7.1. O que fazer do produto final?

Nosso produto final foi um texto informativo sobre Monteiro Lobato. Vimos o que poderíamos fazer para que ele saísse do círculo fechado da sala de aula e se tornasse um instrumento de divulgação do saber útil também para o resto da escola e a comunidade em geral. Mas e se o produto final da pesquisa for outra coisa? Vamos pensar juntos:

- Uma pesquisa no campo da química, da física e da biologia, por exemplo, pode ter como resultado a demonstração de um experimento prático. Que tal montar uma feira de ciências na escola para exibir esses experimentos? Já visitei muitas feiras desse tipo e vejo quanta satisfação os alunos que participam delas têm em demonstrar as diversas fases do experimento ou as coisas que aprenderam na pesquisa.
- Uma pesquisa pode ter como produto final um belo cartaz, um quadro, um painel, um mural, uma “instalação artística”, uma maquete ou qualquer coisa do gênero. Que tal organizar uma exposição? Melhor ain-

da: que tal manter uma exposição permanente dos produtos das pesquisas científicas/atividades artísticas dos alunos da escola? Uma exposição que se renovasse periodicamente, à medida que novos trabalhos pudessem substituir os mais antigos? Isso geraria entre os alunos a curiosidade de estar querendo sempre descobrir o que as outras classes andam aprontando. Seria também uma boa amostra do dinamismo da escola, da sua capacidade de instigar os alunos a produzir!

- Uma pesquisa na área da literatura, do folclore ou da História pode oferecer aos alunos a chance de demonstrar suas habilidades dramáticas. Já vi excelentes encenações de pequenas peças adaptadas de livros escritos por mim. Confesso que gostei bem mais delas do que de saber que os alunos tinham que ler aqueles livros para “fazer prova”. Você pode não acreditar, mas ainda tem professor que manda a turma toda ler um livro só para preencher aquelas horripilantes fichas de leitura que as editoras teimam em enfiar dentro dele! E aí do aluno que não preencher igualzinho às respostas que já vêm prontas no livro do professor! É a cama de Procusto! Uma vez uma professora quase teve um faniquito depois que eu entrei na sala de aula dela e convidei todos os alunos a rasgar junto comigo a ficha de leitura que vinha dentro de um livro de minha autoria! Em compensação, já vi coisas lindas feitas inspiradas em textos que escrevi: teatro, música, cartazes, maquetes...

7.2. Diminuindo a distância entre escola e comunidade

Outra coisa que me intriga muito é a distância que ainda existe entre a escola e a comunidade. Não falo da comunidade em sentido amplo — bairro, cidade, Estado —, mas da

própria comunidade formada pela escola e pela família dos alunos. Por que não aproveitar, por exemplo, as habilidades/profissões dos pais, mães, irmãos e demais familiares como “material didático”?

Se você tem um aluno em cuja família há um médico, por que não trazê-lo para falar com a turma ou mesmo com toda a escola? Não faltam temas relativos à saúde para serem discutidos na escola.

Se você tem na sua comunidade escolar um funcionário da limpeza urbana, por que não convidá-lo para relatar suas experiências profissionais, suas opiniões acerca do modo como as pessoas cuidam do lixo na cidade? É uma boa ocasião para falar dos problemas do lixo e da reciclagem!

Pode ser que essas pessoas se sintam acanhadas ou não se considerem aptas para falar em público. Que tal ajudá-las a preparar uma palestra ou uma demonstração? Ou convidá-las simplesmente para serem entrevistadas pelos alunos? Não é preciso ser nenhum gênio para responder a perguntas relativas àquilo que se faz diariamente, não é?

Seria bom, nesse tipo de atividade, salientar a importância de *todas* as profissões, por menos prestigiadas que sejam na sociedade. Imagine a cidade sem faxineiros, que horror seria! Imagine a sua própria escola sem faxineiros, que terror! Pense na tristeza de um mundo sem manicures e cabeleireiros! O melhor restaurante do mundo não sobrevive quinze minutos sem um batalhão de cozinheiros...

O importante é usar métodos persuasivos para atrair os familiares de nossos alunos a essas atividades. Enfatizar que toda experiência pessoal é digna do interesse da escola. Repetir aquela frase velha e verdadeira: “A vida é a melhor escola”. Mostrar que a escola é também um lugar privilegiado para troca de informações, para intercâmbios de experiên-

cias, e que o trabalho do professor tem um sentido prático, objetivo, válido. Já no século I antes de Cristo o filósofo Sêneca lamentava, com amargura: *Non vitae, sed scholae discimus*, isto é: “Não aprendemos para a vida, mas para a escola”. Que tal contribuímos para acabar com essa situação deplorável?

É claro que isso tudo vai depender muito do tipo de comunidade em que a escola está inserida. Não vamos negar a realidade: sabemos que existem muitas pessoas (normalmente da classe média para cima) que torcerão o nariz diante de uma proposta dessas. Conhecemos muita gente que acha que o dever da escola é entupir os filhos de “conteúdo” para “entrar na faculdade” e ponto final — e existem escolas que se prestam a esse papel deplorável. Eu mesmo já fui visitar escolas onde os administradores não se acanhavam em dizer, com todas as letras: “nosso objetivo é preparar os alunos para o vestibular”. Saí de lá agradecendo a Deus por não ser a escola dos meus filhos! Afinal, eu tenho a ilusão de que a função da escola é preparar um cidadão consciente de seus deveres e de seus direitos, apto para levar uma vida digna em uma sociedade!

7.3. Pesquisa permanente

Seria muito bom que a atividade de pesquisa não se limitasse aos trabalhos batizados com este nome e empreendidos oficialmente poucas vezes durante o ano letivo. Que tal estimularmos nossos alunos à pesquisa permanente?

Peça a seus alunos que tragam, pelo menos uma vez na semana, uma notícia de jornal ou de revista que lhes pareceu interessante, divertida, estranha, absurda, horrível... A notícia pode ser lida e comentada por todos, gerando um bom debate. (Já ouviu falar do livro *O jornal na sala de aula*, de

Maria Alice Faria? Não? Então trate de ler já! É da Editora Contexto, de São Paulo! Nenhum professor pode deixar de conhecer esse manual maravilhoso!)

Encoraje-os a falar de alguma coisa que viram na televisão ou ouviram no rádio. Gostaram? Não gostaram? Por quê? Surgiu alguma dúvida? Mostrar que a escola pode (e deve!!!) estar integrada com a vida diária das pessoas.

Que tal pedir um relatório informal de um passeio, de uma viagem, de uma visita a um museu, de um espetáculo de teatro, de um filme, de qualquer atividade de lazer ou cultural feita pelo aluno? Pode haver uma boa troca de informações, outros alunos podem se interessar em repetir a experiência do colega.

Essas últimas sugestões — dá para perceber — são um estímulo para que *os alunos se manifestem* em sala de aula, para que *tenham voz e opinião* própria. Precisamos derrubar esse mito autoritário de que a escola é o repositório exclusivo do saber, de que só ela tem o que transmitir em termos de conhecimento e cultura! Não existe professor, por mais culto e bem informado que seja, que não tenha sempre o que aprender, não é? A verdade não é privilégio de ninguém!

Temos que abrir a palavra aos alunos, conscientizá-los de que eles são parte integrante de um todo chamado sociedade, que cada ato e gesto deles influi na vida de todos os demais! Se não fizermos isso desde pequenos, como vamos querer que, mais tarde, eles se conscientizem do significado do voto nas eleições ou da importância de participarem de uma passeata de protesto contra algum tipo de injustiça?

7.4. Sobre o acesso às fontes

Imagino que alguns leitores deste livro podem estar pensando: “Este autor fala de computador, Internet, CD-ROM e

coisas assim como se fosse muito fácil para qualquer professor ter acesso a esses meios!” Eu sei por experiência própria (meus três filhos estudam na rede oficial) que a escola pública brasileira, sobretudo nas regiões mais pobres, enfrenta graves dificuldades materiais.

É verdade que muitas escolas particulares já estão integradas aos novos meios de comunicação representados pela expansão da rede mundial de computadores, a Internet. Essas escolas têm suas próprias *home pages*, onde são exibidos os trabalhos feitos pelos alunos, que podem também entrar em contato com universidades, museus, centros de pesquisa etc. por meio do correio eletrônico.

Mas e as escolas públicas? Muitas não têm sequer um único computador... Além disso, sabemos que existem professores que, formados pelos métodos tradicionais de ensino, têm receio de se aventurar pelo mundo da informática. Diante desse universo em vertiginosa expansão, muitos se apavoram e preferem dar as costas às novidades, agarrando-se com toda força às velhas metodologias, aos velhos recursos pedagógicos de quando eles próprios se formaram.

Realmente, a mudança aconteceu muito depressa. Mas já é tão profunda, já causou tamanha revolução em tantas áreas da sociedade, que não podemos fechar os olhos e fingir que ela não está aí. Já surgiu até um termo específico para as pessoas que não conhecem os recursos da informática: *analfabeto digital*. É isso mesmo: hoje em dia, desconhecer esses recursos é uma deficiência tão grave quanto não saber ler e escrever.

No caso dos profissionais envolvidos com a educação, o tema ganha proporções ainda maiores. Muitas crianças, no que diz respeito à informática, estão bem à frente de seus professores. Já nasceram num mundo informatizado e o

computador não representa nenhum mistério para elas. Computador é o que não falta no banco, no supermercado, na padaria, na farmácia, no cinema, na livraria, no *shopping center*. Muitos dos aparelhos usados em casa também já incorporaram essa tecnologia, como o telefone, o fax, o videocassete, o forno de microondas e até as máquinas de lavar roupa, sem falar nos tão polêmicos *videogames*.

É inadmissível, portanto, que a escola se mantenha alheia a tudo isso. A falta de recursos, certamente, é um problema grave, que nenhum professor sozinho pode resolver. Mas todos os professores juntos, organizados em suas entidades de classe, associações e sindicatos, podem e devem exigir sempre do poder público a atenção devida à educação. É preciso também que os pais e a comunidade em geral se mobilizem nessas exigências.

Por que não cobrar, por exemplo, das secretarias de ensino, municipais e estaduais, que criem uma *home page* na Internet onde as escolas da rede possam estar interligadas, trocando informações, comunicando experiências bem-sucedidas, elaborando projetos conjuntos?

Os computadores estão se tornando cada dia mais baratos. O poder público gasta tantos milhões em obras muitas vezes dispensáveis que não há desculpa para que as escolas públicas não tenham pelo menos um computador!

Por outro lado, os professores de uma escola, junto com seus alunos, podem tentar se servir dos recursos que estão a seu alcance. Usar o computador pessoal de um aluno ou pai de aluno pode ser uma idéia. A maioria das empresas provedoras da Internet fazem promoções para conquistar novos clientes, oferecendo um período de acesso gratuito, normalmente de um mês. A Encyclopaedia Britannica Online, que já citei, também oferece sete dias de *free trial*, isto é, de teste gratuito. Há empresas (por exemplo, fabricantes

de refrigerantes) que dão um computador para quem conseguir juntar certo número de embalagens, latas ou selos. Toda uma escola engajada nessa missão não terá dificuldade em cumpri-la!

Existem bibliotecas e outras instituições públicas, museus, espaços culturais, universidades, que dispõem de salas de computadores onde o usuário pode consultar a Internet. As livrarias do tipo *megastore* que estão surgindo nas grandes cidades têm sempre vários terminais que podem ser usados livremente pelos clientes. São chances que devem ser aproveitadas!

O importante é mostrar aos alunos que existe na escola uma vontade de acompanhar as transformações que estão se processando do lado de fora da sala de aula e que todos os meios e multimeios oferecidos pelas novas tecnologias também devem ser usados para tornar o aprendizado mais atraente, mais atualizado, mais vivo.